

Uma luz no fim do túnel

24 JUL 1996

Herbert Levy *

Não me lembro de uma administração que, mesmo ante os dados coincidentemente negativos produzidos por uma política rigidamente deflacionária, se mantivesse obstinadamente na mesma direção.

Vejamos o grave resumo da peça:

1 - Persiste o déficit da balança comercial, com todas as conseqüências fortemente negativas, porque sempre foi nos amplos saldos obtidos até 1995 que

Persiste o déficit na balança comercial, com todas as suas conseqüências

encontrávamos os recursos para remessas de juros e dividendos do capital privado aqui investido e eventuais amortizações, bem como para o serviço da dívida externa oficial. Autoridades econômicas apontaram euforicamente como compensação o crescimento de dezenas de bilhões de dólares nas reservas cambiais. Mas esqueceram de mencionar o seu custo desastroso, insuporável, pois esse dinheiro

(especulativo) só veio para cá em busca dos juros altos, já que nos tornamos, persistentemente, campeões mundiais dos juros. No comércio de varejo ele ficava entre 200% e 300% ao ano (às vezes mais), mas simplesmente ninguém queria ver. Porém, uma grande e tradicional usina de álcool e açúcar, a Santa Lydia, de Ribeirão Preto, requereu concordata e seus advogados vieram a

público declarar que os seus clientes não puderam suportar os juros bancários superiores a 100% ao ano.

Juros bancários, não do comércio varejista. Sou obrigado a repetir. Assim, dois grandes artifícies do desastre econômico ficam claramente identificados: a valorização cambial e os juros de agiotagem.

2 - Persistem e se agravam os déficits do Tesouro Nacional. O déficit acumulado de janeiro a junho desse ano somou R\$ 5.868 bilhões em confronto com R\$ 519 milhões em igual período do ano passado. Os

juros da dívida interna, com crescimento de 45% no período, foram os grandes responsáveis.

Isso se deve à entrega dos reais correspondentes aos investidores

de dinheiro quente, em seguida resgatados com a colocação de títulos da dívida interna.

3 - Estamos batendo o recorde do desemprego em todos os tempos. A imprensa divulgou ontem que o desemprego na Grande São Paulo atingiu 1,385 milhão de pessoas, dados do Dieese e da Fundação Seade, desde que iniciada a pesquisa em 1985.

4 - É notória a inadimplência na economia rural, o que levou a lavoura a dispensar cerca de 1 milhão de trabalhadores, que foram reforçar as hostes dos sem-terra, já que não sabem fazer outra coisa, e estimular invasões ilegais. Nessa área, o governo aca-



bou alivian-
do a situa-
ção, indo em
socorro dos
devedores,
com prazo
que acaba de
expirar.

O Minis-
tério da
Agricultura
informa que
foram rene-
gociados

1 8 2 . 6 0 0

contratos no valor de R\$ 6,4 bilhões equivalentes a 91% da dívida total.

5 - As notórias complicações no setor bancário, com prejuízos muito acima do normal, foram responsáveis pelas quebras, fusões e incorporações de bancos, inclusive alguns dos maiores bancos do País, como o Econômico e o Nacional.

6 - Surpreendentemente, o Banco Mundial divulgou críticas ao Plano Real, responsabilizando-o pelo crescimento do Custo Brasil, quando, numa política deflacionária, esse custo deveria até ter caído. Registrhou a Gazeta Mercantil de ontem: "O Plano Real aumentou o

Custo Brasil. A conclusão é de um estudo confidencial do Banco Mundial (Bird). O relatório, que já foi entregue ao governo brasileiro, mostra que o câmbio e as taxas de juro, instrumentos escolhidos para estabilizar a economia, anularam em boa parte os ganhos obtidos com a queda da inflação e com o aumento da produtividade".

Embora técnicos do go-
verno contestem esse estu-
do, ele vem
ungido de uma
autoridade in-
discutível.

Mas, final-
mente uma luz
no fim do tú-
nel. Registra a
Gazeta Mercantil, também
de ontem, por Ivanir José
Bortot, de Brasília: "O
Banco Central deverá pro-
por uma política monetária
mais branda para o período
de julho a setembro, na reu-
nião de quinta-feira do
Conselho Monetário Nacio-
nal (CMN), e uma revisão
da meta indicativa para o
comportamento dos agregados monetários do ano. A
estratégia da equipe econô-
mica é deixar mais frouxas
as metas monetárias neste

trimestre e promover uma revisão da meta indicativa anual, para contribuir com uma aceleração no ritmo de crescimento da economia. O desejo de crescimento nos obrigou a fazer uma revisão das metas fixadas para o ano, resumiu uma qua-
lificada fonte do BC.

O diretor de Política Monetária do Banco Central, Francisco Lopes, apre-
sentou ontem ao Conselho da Moeda e do Crédito

(Comoc) uma
programação
monetária
compatível
com a expan-
são da econo-
mia e o cresci-
mento do Pro-

duto Interno Bruto (PIB)
de 2,5% a 3% no ano em
1996, o que levará o PIB a
crescer em torno de 6% no
segundo semestre, para
compensar a retração do
início do ano".

Muito, muito mal já foi
feito à economia brasileira,
como se observa, em todos
os setores. Mas, afinal, an-
tes tarde do que nunca!

A política
econômica
atual já
causou
muitos males
ao País

* Presidente do conselho de
administração da Gazeta Mer-
cantil.